



## 20ª Campanha e Dia Nacional da Voz®

16 de abril: Dia Mundial da Voz®

Semana Nacional da Voz 2018 - 15 a 20 de abril

Cerimônia de Abertura da Campanha Nacional da Voz

Palestra sobre “Voz da Sociedade & Voz da Garganta”.

Auditório do Museu do Amanhã, Rio de Janeiro, em 15 de abril de 2018

Caros amigos,

Médicos cuidam da saúde das pessoas, certo? Defendem a vida, e por natureza e obrigação vivem se metendo na vida das pessoas, e elas, quero dizer, vocês, ou nós todos, quando nos tornamos pacientes, até pedimos para que o façamos, não é? Boa profissão, ótima eu diria, mas tem alguns pré-requisitos que talvez para alguns soem meio esquisitos. Estranho, gostar de detalhes, saber de tudo, perguntar tudo, achar que sabe de tudo. De fato, achamos. E quando descobrimos um defeito na natureza... Ah, por favor nunca digam que a natureza é perfeita, pois ela é impressionante, maravilhosa, mas nem tenta ser perfeita. Sem ligar para ser isso ou aquilo, ela apenas simplesmente é, e ponto. E a Medicina persegue e tenta entender e corrigir toda falha, todo mal estar, toda incapacidade, toda dor e toda perda. E mais, tentamos todos, profissionais da saúde e da educação, alargar o saber para esticar limites e funções e poderes, nos proporcionando uma vida mais longa e saudável, uma boa vida.

Ou seria uma boa morte? Biologicamente seria algo sem dor e sem sofrimento, quem sabe dormindo, uma mega-sena na existência de alguns poucos. Mas não é disso que devemos falar num dia de comemoração, destaco apenas que atingir uma boa morte, pessoal e social representa alcançar uma serena sensação de ultrapassar a existência sem grandes remorsos, frustrações e perdas, com realizações, com a certeza interna de ter feito o melhor que pôde a partir do que recebeu, em seu potencial e seu ambiente.

Podemos tentar nos isolar. Muitos tentam, mas por mais encantada que possa se tornar a ilha mental ou física que criemos, isso não nos satisfaz. Somos seres gregários, há milênios vivemos nos reunindo (vejam aqui!), e para isso desenvolvemos a linguagem – para nos comunicarmos – ouvir e falar, falar e ouvir. Falamos, declamamos, cantamos. Nos educamos! Tentamos nos entender, temos cada um o nosso jeito de ser, mas o tempo todo observamos, copiamos e imitamos uns aos outros, e assim vamos mudando, progredindo, adotando novas posturas, condutas, gostos e opiniões. E assim vamos, abraçando ou resistindo a cada onda, conceito, tendência, moda e ideia.

Uma Campanha Nacional da Voz é isso: uma grande ideia. Grande como o Rio Grande. Do Sul, ou do Norte. Do tamanho do Brasil e do Mundo. Mas por que exatamente estamos nos envolvendo nesse trabalho extra, voluntário e beneficente? Sejamos médicos jovens ou maduros, otimistas ou pessimistas, acomodados ou empreendedores, pessoas físicas ou jurídicas, atuantes no setor público ou privado,

Serviços, Clínicas ou Hospitais, Instituições ou Associações, cada um há de ter seus motivos, crenças, motivações e resistências.

Todos sabemos que o tema Voz certamente abrange aspectos laborais, artísticos, lúdicos e funcionais, de uma forma geral, destacando o valor de uma boa comunicação, civilizadora e harmonizadora, em que cada cidadão possa se expressar, ouvir e ser ouvido, enfim, viver de forma plena e sadia, como indivíduo e acolhido em sociedade.

Entretanto, hoje vivemos um estranho tempo (estaria exagerando?) de radicalizações, de rejeições ao debate e de crescente "intolerância à voz do outro", no seu sentido social mais amplo - seja opinião, história, cultura, hábitos, origem, ponto-de-vista, ideologia, religião, orientação sexual e até time de futebol.

Falta-nos educação, sobra um espírito de competição em tudo, uma falta de atenção e de sentimento pelo outro, algo que por mais absurdo que pareça, se expande pelas relações familiares, no trabalho e na Sociedade. Falta-nos Afeto, Disposição, Solidariedade e Ação. Nisso tudo o nosso país, o país mais rico do planeta, é indigente, na vital capacidade de realmente se emocionar e se mexer para contribuir.

Afinal, nossa espécie, curiosa e questionadora como é, está irremediavelmente programada para resolver problemas, a ponto de que não ter problemas é um grande problema. Um vazio, um desespero, um nada existencial.

Ao invés de, apesar de discordarem, defenderem a todo preço o direito do outro se manifestar, indivíduos e grupos optam, por esperteza, ignorância, má-fé ou fanatismo, por se acharem no direito de tentar calar a voz do outro, seja ignorando, se recusando a responder à crítica, ironizando, ridicularizando ou pior, distorcendo o que foi dito para atacar algo que lhe incomode e questione. Falta-nos honestidade intelectual. Poderia pinçar uma série de fatos, comentários e críticas que nos chegam por todas as mídias, retirados do contexto para serem usados contra o adversário, tratando-o como inimigo a ser destroçado e calado. Os exemplos são tantos, mas pela controvérsia que gerariam, lhes poupo neste momento. Mas gostaria que todos ficassem ao menos curiosos...

Falta-nos foco e respeito no debate! A arte de desenvolver raciocínios e argumentos se inicia na leitura, no mergulhar num texto e no pensamento articulado de quem busca analisar essa ou aquela questão.

Essa certeza de estar certo, essa falta de dúvida, nada mais é do que uma sutil e violenta loucura, sem futuro algum; e o diálogo adoce quando muitos desejem muito ser ouvidos, mas poucos, ou cada vez menos, pareçam de fato dispostos a ouvir. Fica difícil... Trata-se um distúrbio da comunicação humana, em que prevalece uma rigidez, uma ousada certeza sobre tudo, mesmo sobre aquilo que nada saiba.

Na verdade, parece mais uma compreensível reação envergonhada, própria de mentes saturadas. O volume de conhecimento acessível está de tal modo se ampliando que um mortal comum é sobrecarregado de informações que o invadem das mais diversas origens, eletrônicas e gráficas. E nos fechamos às formas físicas, diretas e humanas. Não nos expomos ao debate, à dúvida, e não percebemos nada de agradável fluir do discurso à nossa frente. Seria o caso agora? Nem brinca! Arrisco dizer que contar estórias, ler, escrever, tudo isso vai se encurtando, encurtando, encurtando, e a mente se fechando...

Esse cansaço interno, essa falta de tolerância, essa exigência de concordância, essa mania de querer tudo do seu próprio jeito... Percebamos todos como soa contraditório desejar conviver, mas não tolerar a convivência! Podemos seguir uma maravilhosa rotina e também conscientemente curtir aventuras e saídas auto-forçadas da zona de conforto. Neste caso específico, aqui, por solidariedade, como cidadãos e como médicos, como fonoaudiólogos e professores.

Entretanto, não podemos nem iremos perder de vista o aspecto médico essencial, senão vital, de prevenir, diagnosticar e corrigir moléstias e imperfeições, atuando correta e precocemente para minorar sofrimentos e sequelas. Prioridade pois ao mais sério, ao mais grave, ao que ameaça a vida. Assumimos como médicos a honrosa responsabilidade (missão!) de afastar as maiores ameaças, para que possa o ser humano, livre da doença, adaptado ou compensado, exercer da mais ampla forma o seu potencial de vida, através das maravilhosas e infinitas características da raça humana (a única que existe!), que brotam de seus sonhos, desejos, curiosidade, criatividade e dedicação à construção de um mundo melhor, social e ambientalmente.

Desta forma, juntos afirmamos que é precisamente esse o nosso foco, nossa impostergável e exclusiva atribuição e deve ser a nossa maior competência, assumida e exercida às últimas consequências, pois é justamente a nós (e especialmente a nós) que cabe o papel de ouvir relatos pessoais e sintomas, perceber sinais, correlacioná-los, buscar identificar etiologias e diagnosticar doenças, disfunções e quaisquer perturbações da saúde humana - e propor o melhor tratamento!

E sendo práticos e objetivos, concordemos que para de fato "fazer diferença" numa realidade de tantas carências, devemos nos mobilizar e expor para exercer duas ações indissociáveis - informar e atender, educar e examinar. Identificar a demanda ao máximo. Importantíssimo destacar que, indo além de iniciativas de divulgação, ganhamos máxima credibilidade e confiança dos meios de comunicação e da Sociedade, e com isso o mais efetivo apoio para pressionar para que a capacidade instalada dos serviços de saúde corresponda à sua real necessidade. Mas façamo-lo de forma responsável e participativa, não incendiária nem apenas político-partidária, posto que se mostram imaturas ou contraditórias por natureza, mas focando na objetiva mudança, propondo soluções viáveis para cada um dos numerosos problemas de nossos pacientes – nossos, jamais por posse, mas por bem assumida responsabilidade.

Assim será a nossa 20ª Campanha Nacional da Voz - um claro e bem emitido grito de alerta e orientação de quem conhece os problemas e propõe soluções, e se revela capaz e disposto a executá-las: nós médicos dedicados à Otorrinolaringologia ou Cirurgia de Cabeça e Pescoço, fonoaudiólogos e professores!

Obrigado, e vamos ao trabalho!



Marcos André de Sarvat  
Coordenador da Campanha Nacional da Voz  
Prof. Adjunto de ORL-CCF da UNIRIO  
Cel e wa (21) 99971-2454 sarvat@centroin.com.br

E atualizando o que estabelecemos com Lema de 1989, temos que:

Reuniões Científicas verdadeiramente proveitosas (*ou Sociedades verdadeiramente saudáveis*) são aquelas em que prevalecem a Pontualidade, a Objetividade, o Poder de Síntese, a Capacidade de considerar críticas, a Liberdade de Expressão, o Desejo de conhecer, compreender e aceitar outras vivências e experiências e, acima de tudo, o Anseio pela independente e respeitosa troca de ideias, pela discordância e controvérsia do mais alto nível.

A Evolução do Conhecimento (*ou da Civilização*) dispensa a unanimidade, o orgulho e o conformismo, e necessita de forma vital da Humildade, da Imaginação, do Raciocínio, do Trabalho e da Persistência dos que creem em algo além do estabelecido.



Afine a sua saúde. Cuide da sua voz.

Campanha e Dia Nacional da Voz®, Semana Nacional da Voz e Dia Mundial da Voz®  
Uma Iniciativa Brasileira que repercute em todo o Mundo: **1999-2003-2018**